

## A MULHER PANTANEIRA E SUA RELAÇÃO DE TRABALHO COM O TURISMO

*THE PANTANAL WOMAN AND ITS WORKING RELATIONSHIP WITH TOURISM*

*LA MUJER PANTANERA Y SU RELACIÓN DE TRABAJO CON EL TURISMO*

Pollianna Thomé

Professora do curso de Turismo UEMS Campo Grande/MS

pthome@uems.br

**Resumo:** O turismo configura-se como a atividade econômica que mais cresce no Pantanal brasileiro, região onde há predominância da propriedade privada da terra para criação de gado bovino. Em sobreposição ou substituição à pecuária, a atividade turística atua sobre a dinâmica das fazendas. Esta pesquisa tem o objetivo de mostrar que entre as mudanças observadas está o papel da mulher na sociedade pantaneira, cujo trabalho ganhou maior importância nas fazendas por desempenhar atividades essenciais para o turismo como o serviço de alimentação dos turistas e a limpeza e arrumação dos quartos. Através da observação participante, foi diagnosticado o universo feminino em quatro fazendas que atuam com turismo na região do rio Negro, no município de Aquidauana/MS, assim como entrevistas não-diretivas foram feitas com proprietários, turistas, funcionárias e familiares. Os resultados da pesquisa demonstram que a presença do turismo modifica hábitos de consumo das mulheres; aumenta sua autonomia em relação à família; intensifica a sua ligação com os centros urbanos, pois é de lá que provém muitas delas e é para as cidades que dirigem muitos de seus interesses. Por último, ao alterar o status da trabalhadora no Pantanal, o turismo interfere diretamente na questão da identidade pantaneira, até então centrada no universo masculino.

**Palavras-chave:** Mulher, Pantanal, Turismo, Trabalho, Sociedade Rural

**Abstract:** Tourism is the fastest growing economic activity in the Brazilian Pantanal, a region where there is a predominance of private land ownership for breeding cattle. In overlap or substitution to livestock, the tourist activity acts on the dynamics of the farms. This research aims to show that among the observed changes is the role of

women in the Pantanal society, whose work has gained greater importance in the farms for performing essential activities for tourism as the food and cleaning services. Through the participant observation, the female universe was diagnosed in four farms that operate with tourism in the Rio Negro region, in the municipality of Aquidauana / MS, as well as non-directive interviews with owners, tourists, employees and family members. The results of the research demonstrate that the presence of tourism modifies women's consumption habits; increases their autonomy in relation to the family; intensifies its connection with the urban centers, because it is from there that many of them come and it is for the cities that direct many of their interests. Finally, by changing the status of the worker in the Pantanal, tourism directly interferes with the question of the Pantanal identity, hitherto centered on the masculine universe.

**Keywords:** Woman, Pantanal, Tourism, Work, Rural Society

**Resumen:** El turismo se configura como la actividad económica que más crece en el Pantanal brasileño, región donde hay predominancia de la propiedad privada de la tierra para la cría de ganado bovino. En superposición o sustitución a la ganadería, la actividad turística actúa sobre la dinámica de las granjas. Esta investigación tiene el objetivo de mostrar que entre los cambios observados está el papel de la mujer en la sociedad pantanera, cuyo trabajo ganó mayor importancia en las haciendas por desempeñar actividades esenciales para el turismo como el servicio de alimentación de los turistas y la limpieza y ordenación de las habitaciones. A través de la observación participante, fue diagnosticado el universo femenino en cuatro haciendas que actúan con turismo en la región del Río Negro, en el municipio de Aquidauana / MS, así como entrevistas no directivas fueron hechas con propietarios, turistas, funcionarias y familiares. Los resultados de la investigación demuestran que la presencia del turismo modifica hábitos de consumo de las mujeres; aumenta su autonomía en relación a la familia; intensifica su conexión con los centros urbanos, pues es de allí que proviene muchas de ellas y es para las ciudades que dirigen muchos de sus intereses. Por último, al alterar el status de la trabajadora en el Pantanal, el turismo interfiere directamente en la cuestión de la identidad pantanera, hasta entonces centrada en el universo masculino.

**Palabras clave:** Mujer, Pantanal, Turismo, Trabajo, Sociedade Rural

## INTRODUÇÃO

O Pantanal é uma imensa bacia sedimentar localizada ao centro da América do Sul, banhada por uma complexa rede hidrográfica, tendo como rio principal o rio Paraguai. É conhecido nacional e internacionalmente por sua diversidade e riqueza de vida selvagem e por ser uma das maiores áreas inundáveis do mundo. Detentora de vários títulos, entre eles o de Patrimônio Natural da Humanidade, conferido pela Unesco no ano de 2000, esta planície inundável tem em torno de 210.000 km<sup>2</sup>. Aproximadamente 70% estão localizados nos Estados brasileiros de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Os 30% restantes ficam no Sudeste da Bolívia e Nordeste do Paraguai (CONSERVATION INTERNATIONAL, 2005).

Em estudo sobre os biomas brasileiros apresentado em 2012, Fábio Rubio Scarano revela que aproximadamente 95% da extensão do Pantanal é composta por áreas privadas. São fazendas que têm na pecuária bovina extensiva sua principal atividade produtiva desde o século XIX. O restante do Pantanal brasileiro é formado por unidades de conservação federais e estaduais. Portanto, trata-se de uma região essencialmente rural, de ambiente natural, que somado à diversidade e abundância de vida selvagem, colocam o Pantanal no mapa mundial dos destinos turísticos de natureza.

O turismo tem avançado num ritmo crescente no Pantanal sul-matogrossense ao longo das últimas décadas e tem interferido de maneira significativa na dinâmica sócio-cultural das propriedades da região. Este desenvolvimento pode ser em função do interesse internacional por seus biomas conservados ou em razão da crise que se abateu sobre a pecuária de corte. Para Moretti (2000), a introdução da atividade turística nas fazendas tem alterado não apenas o sistema produtivo da pecuária, mas tem promovido mudanças nas relações sociais e de trabalho e, de forma mais ampla, no modo de vida dos vaqueiros e seus familiares. A implantação do turismo tem mobilizado um fluxo até então desconhecido de mão-de-obra feminina para atuar como camareiras, cozinheiras, atendentes, entre outras funções pertinentes à operação turística das pousadas pantaneiras.

Nas fazendas de pecuária, o papel da mulher sempre esteve atrelado ao trabalho doméstico, sendo raras as trabalhadoras atuando como vaqueiras. O trabalho feminino é remunerado quando elas são contratadas da fazenda para realização de

atividades de limpeza ou como cozinheiras. As demais mulheres que moram nas fazendas são esposas de peões e podem exercer, eventualmente, trabalho remunerado.

Considerando que a mulher sempre fez parte da sociedade pastoril pantaneira, o objetivo deste trabalho é analisar a dimensão e o significado das mudanças promovidas pelo turismo no que se refere ao universo do trabalho feminino e nas relações sociais.

Para atingir o objetivo proposto optou-se pela realização de uma pesquisa exploratória a fim de obter maior familiaridade com o problema. Utilizou-se como procedimentos técnicos a pesquisa bibliográfica sobre os temas pertinentes à pesquisa e o estudo de campo para aprofundar o entendimento sobre o universo pesquisado (GIL, 2008).

Foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas com as mulheres que trabalham em quatro propriedades rurais de turismo localizadas no Pantanal do Rio Negro, município de Aquidauana, Mato Grosso do Sul. As perguntas elaboradas tinham o propósito de investigar a composição familiar das mulheres, sua relação afetiva e responsabilidade econômica com os familiares, seu histórico de trabalho, sua renda e destinação da mesma, seu papel nas pousadas pantaneiras e suas impressões sobre o trabalho realizado. Também buscou-se compreender sua visão sobre o turismo e sobre os turistas que visitam o Pantanal. Ao total, 14 mulheres foram entrevistadas representando 100% das trabalhadoras de turismo das quatro fazendas estudadas.

Também foram entrevistados turistas, proprietários e gerentes das fazendas, maridos e filhos dessas mulheres, além de mulheres que residem nas fazendas, mas não trabalham diretamente com turismo. Para esta parte da pesquisa optou-se por uma amostragem aleatória, onde os entrevistados foram escolhidos ao acaso, de acordo com sua disponibilidade em contribuir com a pesquisa. O objetivo principal desta etapa de pesquisa foi investigar as mulheres das pousadas pantaneiras sob o olhar dos seus familiares, patrões e turistas. Estas informações foram pertinentes para a condução da pesquisa exploratória pois contribuíram com uma melhor compreensão do universo feminino nas pousadas. Importante ressaltar que os nomes dos entrevistados e das fazendas estudadas foram preservados.

A coleta de dados para esta pesquisa foi complementada através da observação participante conduzida ao longo dos últimos 10 anos – de 2008 a 2018,

período em que a autora do presente artigo trabalhou como guia de turismo conduzindo grupos de estrangeiros para estas pousadas e, portanto, presente no ambiente de estudo e convivendo com as mulheres que trabalham direta ou indiretamente com o turismo.

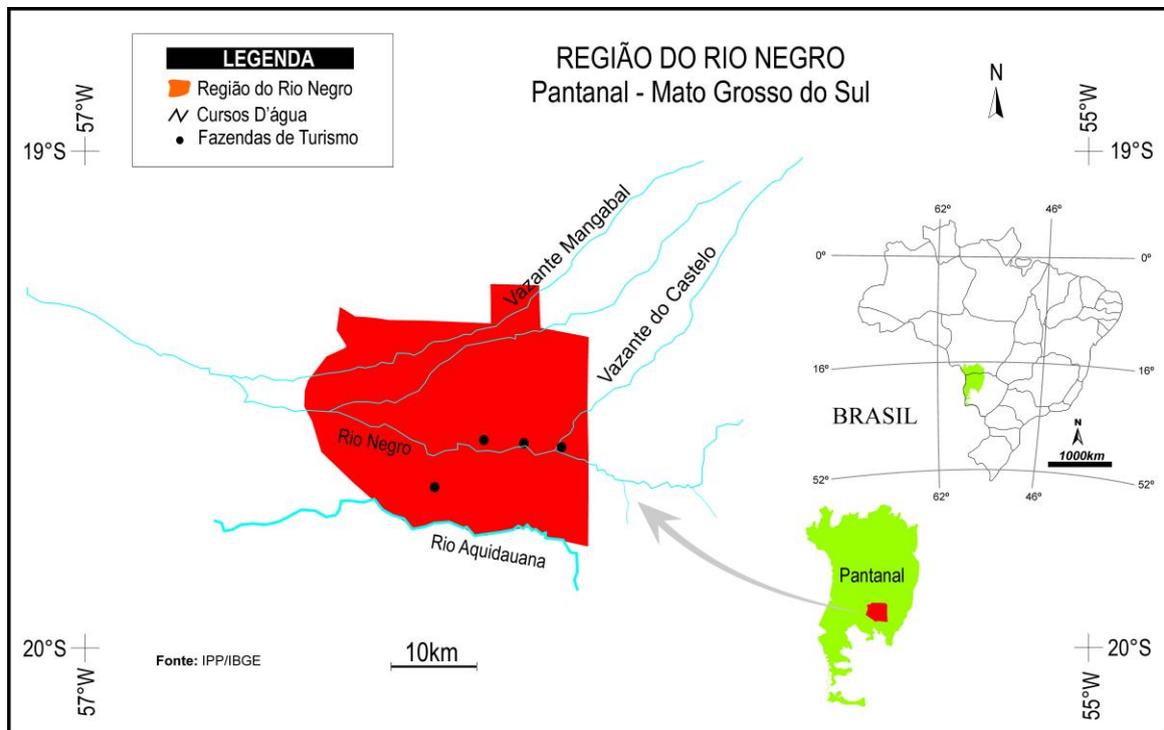
Os resultados da pesquisa foram discutidos à luz da bibliografia referendada sobre os temas Pantanal, turismo, relações de trabalho e estudos de casos pertinentes, a fim de contextualizar a pesquisa no cenário contemporâneo.

O presente artigo utiliza um recorte de investigação apresentada em dissertação de mestrado intitulada “A mulher e o Pantanal: uma relação de trabalho e de identidade”, defendida no programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no ano de 2008, ainda não publicada, portanto, inédita.

## **O TURISMO NO PANTANAL DO RIO NEGRO**

A região do Rio Negro está localizada à margem direita do Rio Aquidauana, incorporando a parte central do leito do Rio Negro, na porção sudeste do Pantanal (Figura 1). Está há aproximadamente 150km distante do município de Aquidauana, conectada através de estradas acessíveis exclusivamente em veículos traçados (caminhonetes 4x4) durante a época de “seca” (Junho a Dezembro) e apenas por transporte aéreo no restante do ano, período este chamado de “cheia” (Janeiro a Maio).

Figura 1 - Ilustração da região de estudo apontando a localização das fazendas pesquisadas.



Elaboração: da autora (2018)

Trata-se de uma região de difícil acesso, o que confere certo isolamento geográfico tanto à vida selvagem quanto à vida humana. O status de conservação deste ambiente promoveu a região a cenário da novela Pantanal exibida em meados da década de 1990 em televisão brasileira e internacional. A propagação das imagens no mundo levou à curiosidade sobre as características culturais e naturais do Pantanal como um todo e não apenas desta região.

Durante muitos anos, o turismo no Pantanal sul-mato-grossense esteve voltado para a pesca esportiva. A exibição da novela atrelada à restrição do uso dos rios, à diminuição do estoque pesqueiro na bacia do rio Paraguai e ao aumento da consciência conservacionista entre visitantes e visitados, o ecoturismo ou turismo ecológico<sup>1</sup> passou a ter destaque como modalidade de turismo no Pantanal (RIBEIRO *et al.*, 2011)..

<sup>1</sup> Segundo as Diretrizes para uma Política Nacional de Turismo, proposta em 2004, o ecoturismo é “um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva

De acordo com Almeida (2007), a maioria das pousadas pantaneiras trabalham o segmento de ecoturismo que promove a contemplação da natureza e o conhecimento da cultura local. Segundo o autor, em boa parte das fazendas, a atividade tem sido desenvolvida em complemento à pecuária, o que tem atenuado os efeitos da sazonalidade do turismo. Entretanto, muitas fazendas têm o turismo como única alternativa econômica, constituindo artifício último para a manutenção da propriedade da terra. Estas, no entanto, sofrem para manter a estrutura das fazendas nos meses de baixo fluxo, pois os custos permanecem os mesmos e a entrada de divisas é baixa.

As quatro fazendas estudadas possuem pequena capacidade de acomodação – uma média de seis apartamentos com dois leitos cada. Todas se definem como promotoras do ecoturismo no Pantanal e salientam que seu diferencial está na oferta de um atendimento personalizado devido à pequena capacidade de acomodação. Uma das fazendas tem como foco o turismo equestre, voltado para aqueles que desejam conhecer o Pantanal à cavalo. Outra tem como público alvo os observadores de aves mas também recebe turistas com outras expectativas. Duas delas desenvolvem unicamente a atividade turística e dela dependem para sua manutenção. As outras duas têm a pecuária como atividade econômica principal, sendo o turismo uma complementação de renda.

Transformar uma fazenda de pecuária no Pantanal em pousada não é tarefa fácil e exige muitas mudanças, seja no sistema gerencial seja nos recursos físicos e, principalmente, humanos da fazenda. Em estudo sobre modo de vida no Pantanal, Ribeiro *et al* (2011) aponta que os pantaneiros<sup>2</sup> que estavam habituados a trabalhar com a pecuária, na lida com os animais, na construção e reparo de cercas, na condução de tratores, entre outros afazeres, passam a se dedicar a uma atividade voltada primordialmente para pessoas – os turistas - que possuem expectativas e necessidades, exigindo serviços específicos que demandam outro tipo de sinergia nas fazendas. Aos peões é destinada a tarefa de guias de turismo, cabendo a eles apresentar aos visitantes a natureza e a cultura pantaneira, o que fazem tanto passeando nos campos a cavalo, pilotando um barco ou remando uma canoa nos rios e vazantes, quanto dirigindo uma camionete.

---

sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas” (EMBRATUR/IBAMA, 2004).

<sup>2</sup> Assume-se neste artigo o substantivo Pantaneiro ou Pantaneira para nomear os(as) moradores(as) do Pantanal.

Sobre a dinâmica do trabalho no universo masculino das fazendas de turismo, Moretti (2000) destaca como impacto negativo o fato de as atividades do dia serem planejadas em função dos roteiros dos turistas e não sobre as demandas de trabalho da fazenda, mostrando que o turismo é muitas vezes sobreposto às atividades da pecuária. Este autor aponta que o turismo trás uma intensificação das tarefas dos funcionários, pois, além do trabalho executado para a realização dos passeios, as demandas habituais da fazenda têm de ser atendidas.

Estudo sobre o trabalho feminino e masculino na área rural de São José dos Ausentes, Rio Grande do Sul, mostra que esta intensificação das tarefas observada no Pantanal é realidade em outros destinos de turismo em áreas naturais. Lunardi *et al* (2015) ressaltam que:

As tarefas relacionadas ao turismo ocupam aproximadamente quinze horas diárias de trabalho (...) as mulheres são as que realizam a maior parte do trabalho no turismo e o maior número de trabalhos combinados, com maior jornada de trabalho diário (p.190-191).

A beleza natural é, sem dúvida, o maior diferencial das fazendas do Pantanal do Rio Negro. Entretanto, uma monografia de bacharelado em turismo conduzida em uma das pousadas aqui estudadas, identificou que o relacionamento interpessoal, isto é, o contato de visitantes com os proprietários e funcionários possui tanta importância quanto a natureza, demonstrando que a satisfação dos visitantes se deve também ao relacionamento estabelecido com a população local (BARROS E HARTENTHAL, 2003). Sobre este aspecto, Salazar *et al* (2009) destacam que as interações entre clientes e funcionários podem ter um efeito significativo na satisfação do consumidor de serviços, atuando como uma fonte estratégica de diferenciação no mercado. Ao investigar a prestação de serviços no turismo, estes autores afirmam que o serviço é:

Resultado de interações sociais entre clientes, empregados e o sistema físico de suporte; e processos - a maneira pela qual o serviço é entregue ao cliente. Desta forma, o pessoal de contato tem um papel fundamental no ambiente de serviços, pois ele influencia a formação da primeira impressão que o cliente tem

da empresa, assim como durante toda a experiência de serviço (SALAZAR *et al.*, 2009, p. 331).

Cientes da importância das relações interpessoais na prestação de serviços, proprietários e empresários do turismo na região do Rio Negro passaram a dar atenção ao patrimônio cultural de suas propriedades, vendo nele o diferencial do turismo em relação aos demais destinos de ecoturismo do mundo. Como destaca Banducci (2003), o que faz do Pantanal um destino especial é a riqueza do patrimônio cultural, o fato de existirem pessoas interagindo com a natureza de uma maneira peculiar, própria do local.

Identificou-se nas entrevistas realizadas com os proprietários que há o interesse em vender aos turistas os hábitos pantaneiros. O espetáculo da natureza fica ainda mais interessante se for vivenciado em companhia da população local, dos que fazem parte daquela natureza. A intenção é que os visitantes conheçam o Pantanal “autêntico”, mais próximo possível do real, pois entendem que isto faz seu produto ter maior destaque no mercado.

Sobre a busca do turista pela “autenticidade”, Dean McCannell (1999) defende que os turistas buscam experiências verdadeiras que os levem ao envolvimento com a cultura e a sociedade visitada de forma a desligarem-se do modo de vida inautêntico que conduzem seu cotidiano. Segundo o autor:

Os turistas buscam elementos autênticos fora do domínio do mundo moderno, em outros lugares, épocas e culturas vistas como mais puros e simples, ainda não contaminados pelas mazelas da modernidade (...) Entretanto, a busca pela autenticidade não leva sempre a experiências autênticas, já que o turista pode encontrar em sua experiência de viagem a mesma inautenticidade presente no cotidiano, que ele busca superar (McCannell *apud* KÖLLER, 2009).

A pesquisa de Barros e Hartenthal (2003) a cima citada, apontou que dentre as manifestações culturais mais marcantes para os hóspedes aparecem a experiência gastronômica e o artesanato com o couro. A primeira, caracterizada na sociedade pantaneira como uma habilidade feminina e, a segunda, como masculina. É unânime entre os estrangeiros a satisfação com a cozinha pantaneira, que se compõe basicamente de pratos que conjugam o uso da carne, fresca ou seca, da mandioca e derivados do

leite. Entretanto, com a intensa produção de alimentos nas cozinhas das pousadas, ingredientes que não compunham a mesa dos pantaneiros no passado foram introduzidos, a fim de incrementar e variar a oferta de pratos. Do mesmo modo, o uso e a fabricação do laço utilizando o couro dos animais abatidos para consumo próprio, costumam fascinar o olhar dos turistas, que acabam desejando a aquisição como *souvenirs* de viagem. Dessa forma, pode-se afirmar que a produção artesanal na área de estudo está perdendo o caráter estritamente utilitário para incorporar a questão comercial.

Sobre esta questão Canclini (2003) alerta para o fato de que a interação comercial das culturas populares rurais com a sociedade urbana pode ser extremamente positiva para a manutenção de suas características culturais, desde que as comunidades se beneficiem disso. Estudos revelam que as culturas tradicionais, à medida que se transformam, se desenvolvem, pois o mercado tem necessidade de incluir suas estruturas e bens simbólicos nos meios de comunicação de massa, assim como os sistemas políticos usam estes elementos para fortalecer sua hegemonia e legitimidade<sup>3</sup> (p. 215).

Com base nesta reflexão e entendendo como ocorre o turismo na região pantaneira pesquisada, busca-se nos próximos tópicos deste artigo apresentar os resultados analisados sobre a dimensão e o significado das mudanças promovidas pelo turismo no universo da mulher pantaneira.

## **AS MULHERES E O TRABALHO COM O TURISMO**

Antes de apresentar o atual trabalho feminino nas fazendas, entende-se que é importante entender o contexto da mulher na sociedade local. Em seu estudo sobre as mulheres pantaneiras nas décadas de 1920 e 1940, Gomes (2001) afirma que, tanto para as esposas dos peões quanto para as proprietárias (estas, normalmente assessoradas por outras mulheres funcionárias), o papel das mulheres nas fazendas esteve atrelado às atividades domésticas, tendo remuneração apenas uma ou no máximo duas mulheres contratadas pela fazenda para atuarem na limpeza ou na produção de alimentos. A

---

<sup>3</sup> Canclini (2003) alerta para o fato de que se não for a participação e o interesse da população local na continuidade da produção cultural, determinada em manter sua herança renovada, os diferentes usos do patrimônio cultural seriam impossíveis (p. 215).

presente pesquisa identificou que após a década de 1990, quando a atividade turística se instalou em fazendas no Pantanal, a atividade feminina não se alterou, no entanto, ganhou em intensidade. Pautou-se em novas regras e horários, à medida que passou a ser realizada através de um contrato de trabalho.

O que antes as mulheres faziam apenas em casa, agora fazem, também, na pousada, mediante um salário. Nas entrevistas observou-se que o ofício doméstico é reconhecido pelos proprietários como o de maior demanda de trabalho em uma pousada, figurando-se como de grande importância entre os demais serviços ofertados aos turistas. Entretanto, quem os executa (as mulheres) valoriza mais o serviço de guia executado na maioria das vezes por homens. Esta desvalorização do próprio fazer demonstra a força do modelo de organização do trabalho nas fazendas de gado, construído ao longo de 200 anos e sua influência sobre o grupo social, mesmo com a alteração nas relações de trabalho e no modo de produção das fazendas. O trabalho realizado no campo pelos homens era o que gerava o sustento da família, configurando o trabalho doméstico feminino como inferior ao ofício masculino.

Esta constatação é réplica de estudos sobre a divisão do espaço de acordo com a atuação dos gêneros: Woortmann (1991) a respeito de comunidades pesqueiras do nordeste e Alencar (1993) sobre comunidades amazônicas. Nas duas pesquisas, os rios e mares compõem espaços masculinos pois, a pesca, atividade base da economia familiar nestas comunidades, é exercida por homens. Já na terra firme, onde há a produção agrícola de subsistência e onde estão localizadas as residências, constitui um espaço feminino de produção. Com as mudanças na produção do espaço ocorridas ao longo do tempo nestas comunidades, as mulheres ganharam outros papéis e oportunidades de trabalho remunerado, assim como a pesca não é mais, necessariamente, a principal atividade econômica das famílias. Apesar de participantes destas transformações, os grupos sociais resistem em mesclar os espaços e desta forma quebrar o paradigma estabelecido historicamente de bipolarizar espacial e simbolicamente o universo do trabalho.

O mesmo se observa em estudo mais recente realizado na área rural de São José dos Ausentes – RS, onde Lunardi *et al* (2015) observaram que mesmo com o turismo, as práticas masculinas (atreladas ao campo) e femininas (atreladas ao trabalho

doméstico) continuam praticamente inalteradas, mantendo o paradigma da divisão social do trabalho baseada no sistema de gênero.

Constatou-se que na atual conjuntura das fazendas do Pantanal do rio Negro permanece este modelo. Porém, o significado de cada ofício para o grupo se transforma à medida que homens e mulheres vão se adequando ao novo modelo de produção e às respectivas mudanças nas estruturas familiares que gera a nova atividade econômica nas fazendas. Conforme aponta Bourdieu (2002), o antigo formato social das comunidades rurais, onde os homens detêm o poder econômico e de produção, enquanto as mulheres se dedicam às atividades domésticas e de reprodução, tende a se transformar à medida que as mulheres conquistam maiores espaços na sociedade contemporânea.

Na presente pesquisa foram identificados, ademais das proprietárias, dois grupos de mulheres trabalhadoras: as que residem e trabalham na fazenda e as que moram na cidade ou na fazenda e trabalham esporadicamente com o turismo. O serviço prestado pelos dois grupos de mulheres é o mesmo (doméstico), o que as diferencia é o tipo de contrato de trabalho.

A pesquisa apontou que as primeiras são, em sua maioria, casadas e moram com seus maridos na fazenda. Das mulheres entrevistadas deste grupo, todas viveram boa parte de suas vidas em fazendas no Pantanal, sendo que a maioria nasceu na própria região estudada. São mulheres a cima de 45 anos de idade que já têm seus filhos criados e apresentam a fazenda onde trabalham como residência.

As segundas são chamadas de diaristas, isto é, ganham por dia trabalhado, pois prestam serviços temporários nas fazendas de turismo, principalmente nos períodos de alta temporada - feriados e entre os meses de julho e setembro. No restante do ano, moram e trabalham na cidade como auxiliares de cozinha, manicures, faxineiras e trabalhos afins. A maioria é solteira, de origem rural, entre 18 e 40 anos e possui filhos. O fato de não serem contratadas fixas da fazenda/pousada é apresentado por elas como uma vantagem, justificam que preferem manter uma relação esporádica com as fazendas para poderem estar perto dos familiares e manter um convívio social na cidade.

Há também mulheres que moram na fazenda e trabalham esporadicamente na pousada, com um contrato de diarista. São esposas de funcionários da fazenda, chamadas para prestar serviços de lavanderia, limpeza ou cozinha em caráter temporário.

Constatou-se durante a observação participante a preferência dos proprietários pela contratação de casais. Eles afirmam que quando em casal o tempo de permanência no emprego dos homens e das mulheres é maior. A oferta de emprego para o casal em uma mesma fazenda oportuniza o aumento da renda familiar e a proximidade dos cônjuges. Identificou-se que na maioria dos casos, quando somente o homem tem o contrato de trabalho com a fazenda, a mulher permanece na cidade com os filhos onde pode ter maior oportunidade de renda.

Entretanto, é crescente a contratação de mulheres chefes de família, que têm sob sua tutela filhos e/ou netos. São mulheres solteiras provedoras da família, cuja força de trabalho é essencial para o sustento da família na cidade.

Os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicados no início do ano de 2018, apontam que há um contingente de 11,6 milhões de mulheres chefes de família que vivem sozinhas com seus filhos. Já os lares onde elas são tomadoras de decisão teve um crescimento de 105%, saltando de 14,1 milhões, em 2001, para 28,9 milhões, em 2015 (EM 15 ANOS, 2018). Observa-se que a realidade das relações sociais e de trabalho nas pousadas estudadas são compatíveis com a situação nacional onde constata-se uma reformulação do papel da mulher da sociedade.

## **OS INVESTIMENTOS DAS MULHERES PANTANEIRAS**

O salário mensal ou a diária recebida pelo trabalho nas pousadas é considerado satisfatório pela maioria das mulheres entrevistadas<sup>4</sup>. Existe certa variação no destino dado à remuneração, de acordo com a faixa etária e estado civil de cada funcionária, porém, é comum a todas o pagamento de prestações em lojas de roupas, celular e eletrodomésticos. Muitas funcionárias que trabalham esporadicamente nas fazendas possuem dívidas com o empregador, pois com frequência solicitam adiantamento de pagamento para quitar as prestações na cidade, o que faz com que tenham constante débito com a fazenda, que é negativado somente no encerramento do contrato. Um comentário sobre este assunto foi registrado em uma das entrevistas: “trabalho para pagar e não para ganhar” (Mulher pantaneira 8, lavadeira, 33 anos).

---

<sup>4</sup> O salário mínimo rural na época das entrevistas era de R\$ 415,00, o atual é de R\$ 954,00, um crescimento de apenas 230% em 10 anos. Já o valor da diária paga às mulheres em uma fazenda de turismo era R\$ 30,00 em 2008 e R\$80,00 em 2018, um crescimento de 266% nos últimos 10anos.

As mulheres que possuem filhos ou netos em idade escolar costumam arcar com as despesas de vestuário, medicamentos e material escolar, além de contribuir com as compras do mês na casa onde as crianças estão hospedadas (normalmente de parentes). Havia até pouco tempo atrás um custo alto com a compra de crédito de telefone celular, para assim poderem se comunicar com os familiares. Porém todas as fazendas pesquisadas já oferecem sinal de internet permitindo que a comunicação dos funcionários seja agora sem custo utilizando aplicativos como o Whatsapp.

Ao investigar o destino dado ao saldo dos salários, observou-se que as mulheres casadas, em sua maioria, têm o objetivo de economizar para construir ou reformar suas casas/residências na cidade. Gastam o mínimo possível de seus salários, comprando somente o essencial para o mês. Estas possuem uma fala similar em relação à relevância do trabalho no Pantanal:

Aqui a fazenda nos oferece tudo que precisamos – água, luz, carne, e até internet. Não é como na cidade que se gasta o tempo todo. Aqui é o melhor lugar para economizar dinheiro. Se trabalha muito mas dá pra economizar bastante também.  
(Mulher pantaneira 5, cozinheira, 48 anos)

Já as mulheres mais jovens que são solteiras e ainda não têm filhos revelaram ter dívidas com aluguel de imóvel na cidade, fornecedores de cosméticos, aparelhos celular e supermercados. Interessante observar que quando na fazenda, as mulheres solteiras residem em casas coletivas de funcionários e recebem alimentação gratuita, portanto não realizam compras de alimentos como o fazem os casais que moram em casas individuais. Instigada a entender o porquê, observou-se que entre os pedidos de supermercado, os de maior valor são produtos industrializados como chocolates, biscoitos, alimentos instantâneos, cigarro e bebidas prontas (alcoólicas e não alcoólicas).

Esta constatação nos remete ao que Canclini (2003) apresenta a respeito da hibridização cultural: é consequência da interação entre sociedades urbanas e rurais, a transformação dos hábitos culturais, entre eles os gastronômicos. A necessidade de adquirir produtos industrializados provenientes da cidade pode ser vista como uma interferência negativa do turismo, entretanto a análise desta pesquisa acusa que o

turismo oferece oportunidade a estas mulheres terem os produtos que desejam (fortemente relacionado ao consumo da cidade), dentro de uma fazenda no Pantanal.

Algo comum a todas as mulheres entrevistadas são os gastos com cosméticos e produtos de higiene. Algumas delas são revendedoras de produtos por catálogos e divulgam seus serviços na região, levando mulheres de outras fazendas a se deslocarem até elas para fazer compras. Há mulheres mais empreendedoras que possuem produtos a pronta entrega e algumas chegam a vender protetor solar e creme hidratante diretamente aos turistas.

Poucos são os momentos em que há contato direto dessas trabalhadoras com os turistas sendo o serviço de garçonne/atingente de mesas o que mais aproxima elas dos visitantes. Foi identificado nas entrevistas com os turistas que mesmo havendo pouco contato visual, eles reconhecem a presença de mulheres na pousada pois relacionam a higiene dos apartamentos e comida com o serviço feminino.

Quando perguntadas sobre o que mais gostam na atividade turística, parte das mulheres entrevistadas relacionou sua resposta à questão comercial informando que é a gorjeta o elemento de maior atratividade no trabalho com turismo. Identificou-se que para a maioria das mulheres, o dinheiro proveniente das gorjetas é somado ao do pagamento do empregador, sem destino específico para este ganho extra.

## **AS DIFERENÇAS SALARIAIS ENTRE HOMENS E MULHERES E AS RELAÇÕES FAMILIARES**

Um estudo realizado na área rural de Cunha (SP) revelou que, assim como no Pantanal, o dinheiro proveniente do trabalho feminino é de grande relevância para a renda das famílias que trabalham com turismo naquele município (Mesquita, 2008) e que não é raro acontecer de mulheres receberem salários maiores que o de seus companheiros. É o caso de algumas cozinheiras e governantas pantaneiras que são profissionais reconhecidas na região e que recebem propostas de trabalho com certa frequência, o que faz com que tenham maior poder de negociação sobre seus salários.

Há também as mulheres que cozinham para o refeitório de funcionários da fazenda. Estas recebem salário fixo para tal mas podem ainda prestar outros serviços extras para a pousada e colegas de trabalho como lavar e passar roupas, confeccionar queijos e doces, criar galinhas e vender os ovos, fazer artesanato para os turistas ou para

a decoração da pousada. Durante a pesquisa encontramos duas mulheres com este perfil, cuja renda mensal como trabalhadora da pousada é maior que a do esposo que trabalha como peão da fazenda.

Em entrevista aos maridos identificou-se que esta diferença salarial do casal não costuma se apresentar como problemática, nem representar competitividade, sobretudo quando ambos compartilham dos mesmos sonhos e juntam seus salários para alcançar seus objetivos.

Eu não acho o trabalho dela mais importante. Cada um tem uma importância no serviço, ela cozinha eu cuido das coisas, então cada um faz seu serviço e tá tudo certo. Ela tem o trabalho dela eu tenho o meu, cada um faz o seu serviço. Ela acaba ganhando mais que eu mas também trabalha mais. Eu acho que não tem nada de mal, né? (Marido 4, peão de campo, 63 anos).

Panorama diferente é encontrado na comunidade rural de Cunha, onde a autonomia financeira das mulheres é vista com desconfiança pelos maridos (MESQUITA, 2008). De acordo com os dados apresentados pela pesquisadora, o turismo, ao valorizar o trabalho doméstico e gerar renda para a classe feminina naquela sociedade, gerou conflitos entre os casais.

Este é um fato relevante ao se analisar a interferência do turismo nas relações familiares, pois, ao contrário do que ocorre com o turismo rural em Cunha (SP) e nas comunidades pesqueiras do nordeste estudadas por Woortmann (1991), conforme apontado anteriormente, o turismo no Pantanal tem contribuído com a aproximação de casais e valorização do papel da mulher à medida que oferece oportunidade de trabalho para ambos. Nas comunidades pesqueiras analisadas por Woortmann (1991), as mudanças na produção do espaço levaram a alterações na relação entre casais. As mulheres deixaram de complementar a renda familiar quando perderam seu espaço de produção agrícola para fazendas de cana e passaram a depender do dinheiro do marido. Na região pantaneira estudada, observou-se que as vagas de trabalho para mulheres e para casais, têm crescido significativamente com o turismo e contribuído para a estabilidade financeira e do relacionamento dos casais.

Porém, não são todos que gozam dessa situação no contexto das fazendas. Morar e trabalhar nas pousadas da região do rio Negro, segundo elas, tem a vantagem

de poder economizar, uma vez que os gastos são limitados. Entretanto, a distância da cidade é uma enorme desvantagem, pois restringe a convivência com filhos e demais familiares. Muitas vezes, por causa do trabalho, elas são privadas de estarem presentes nos momentos importantes da família. Este foi o momento das entrevistas que levou algumas entrevistadas à emoção.

Nos depoimentos das mães e avós pantaneiras entrevistadas é unânime o sentimento de melancolia em decorrência do distanciamento dos filhos e netos. Este é o tema predominante nas conversas durante as rodas de tereré<sup>5</sup>, nas visitas aos vizinhos nos períodos de pouco movimento de turistas, além de ser o principal motivo que as leva a pedir folga no trabalho e ir para a cidade.

Preocupação maior surge quando netos e filhos ficam doentes, ocasião em que se evidencia de forma aguda a dificuldade que é estar morando/trabalhando numa fazenda afastada no Pantanal. O que tem diminuído o sentimento de ausência familiar e facilitado a comunicação entre mulheres e familiares na cidade são os aplicativos de comunicação através dos telefones celular. Este já é considerado um item básico para se viver e trabalhar no Pantanal. Todas as fazendas oferecem sinal de internet que foi inicialmente implantado para atender aos proprietários e aos turistas, mas que também pode ser usado pelos funcionários.

Hoje em dia não dá mais para operar o turismo no Pantanal sem internet. Eu tenho comunicação rápida com os fornecedores da cidade, que me atendem de uma forma bem mais eficiente. Antes se quebrava uma peça, tinha que vir o mecânico. Agora tem consertos que meus funcionários fazem seguindo a orientação do mecânico lá da oficina dele na cidade. E tem outra coisa, quando a gente vai contratar alguém a primeira coisa que eles pedem é se tem internet na fazenda. Os trabalhadores não querem vir para essas partes de dentro do Pantanal se não tiver como falar com a família na cidade. E pros turistas nem se fala, hoje você senta para almoçar e cada um tem um celular na mão editando foto e postando (Proprietário 1, 67 anos).

---

<sup>5</sup> Reunião de pessoas para tomar o mate gelado, muito consumido no Pantanal. Constitui-se num momento de sociabilidade na sociedade pantaneira.

Poucas mulheres que trabalham na região estão juntas de seus filhos. Há algumas com filhos adultos trabalhando na mesma fazenda e outras com filhos em idade escolar – a cima de 5 anos. Para poderem trabalhar as crianças ficam nas escolas rurais em regime de semi-internato, portanto as crianças passam a semana na escola e retornam para casa nos finais de semana. Pode ser que os pais estejam de folga no final de semana, mas quando estão trabalhando as crianças ficam juntas das mães na pousada, as vezes brincando, as vezes ajudando as mães no ofício.

Aquelas que optam por trabalhar com turismo e possuem filhos pequenos, deixam-nos na cidade, normalmente junto da avó ou outra pessoa de confiança. As avós exercem papel fundamental nesta sociedade pantaneira, pois, sem elas, não seria possível para as mulheres mais jovens que possuem filhos prestarem serviço nas fazendas. De qualquer modo, é evidente a redução no número de crianças residindo nas fazendas do Pantanal do Rio Negro. Para uma das entrevistadas, há menos crianças porque “as pessoas não formam mais família, a mulher faz um filho aqui outro ali e não tem família, os casais se apartam e as crianças ficam com as avós porque a mãe tem que trabalhá” (Mulher Pantaneira 2, Camareira, 52 anos).

Segundo outra entrevistada, no entanto, é cada vez menor o número de crianças morando nas fazendas da região porque

As pessoas não ficam mais no emprego igual era antigamente. 10,20 anos na mesma fazenda. Agora o peão fica 60 dias, acha longe ou não gosta de alguma coisa, já pede pra saí e muda de fazenda. Como que vai fazê com a matrícula da criança? Melhor já deixá a criança na escola da cidade e só mandá o dinheiro (Mulher pantaneira 5, cozinheira, 48 anos).

Observa-se neste relato uma preocupação pela continuidade do ensino, uma indicação de que a educação é prioridade para as crianças, estando às vezes a cima da proximidade e relacionamento com os pais. Observou-se ao longo da pesquisa que para uma parcela das mulheres entrevistadas, a proximidade entre os familiares de primeiro grau – pais, mães e filhos – possui uma relevância menor que a oportunidade de trabalho e rendimentos. Para aquelas que possuem apoio das avós na cidade, a

prioridade do trabalho é ainda maior, pois sentem-se seguras ao deixar as crianças com a avó.

## **A AUTO-ESTIMA E AS CONQUISTAS DAS TRABALHADORAS**

Com a inserção da atividade turística n Pantanal do rio Negro, o papel da mulher ganhou novo *status* social. A demanda do turismo por profissionais que mantenham a qualidade nos serviços básicos de alimentação e limpeza fez com que o tradicional ofício feminino nas fazendas se transformasse em um requisito fundamental para o funcionamento das pousadas. A personagem feminina em uma pousada tem importância reconhecida por todos os entrevistados: proprietários, turistas, maridos e elas próprias.

A atividade masculina ainda se destaca sobre a feminina, sobretudo na visão dos turistas, pois são os trabalhadores homens quem conduzem os visitantes em seu almejado contato com a vida selvagem. Entretanto, reconhecem a importância do ofício feminino nas pousadas, recompensando, com gorjetas, as cozinheiras, camareiras e arrumadeiras. O mesmo é identificado nas comunidades ribeirinhas da Amazônia estudadas por Alencar (2003). Naquelas onde ocorre turismo, a relação interpessoal se dá entre turistas e guias (em maioria homens), porém, o trabalho das mulheres é reconhecido e valorizado através de relatos de satisfação e de gorjetas.

Uma das proprietárias entrevistadas revelou que, para ela, a base operacional das pousadas está nas mãos da cozinheira e da governanta. Quando estas pedem demissão ou se ausentam do serviço, a engrenagem do atendimento ao turista fica deficiente e desestabiliza o sistema. É unânime entre os entrevistados o reconhecimento da importância do ofício destas mulheres na prática da hospitalidade das pousadas, uma valorização que se reflete no salário destas profissionais, entre os mais altos da pousada.

Administrar o próprio dinheiro e ter autonomia na decisão de onde investir é apontado como a grande conquista social feminina no Pantanal. As mulheres entrevistadas com mais de 35 anos que são casadas relembram os tempos em que só havia a entrada do salário do marido na família, e que a elas era dado o direito de gastar somente com supermercado e vestuário: “A gente ia pra cidade, fazia a compra, quando dava comprava uma roupa, um sapato, e o resto do dinheiro ele deixava no bar ou sei lá

pra onde ia. Eu sei que a gente trabalhava, trabalhava e não tinha nada” (Mulher pantaneira 5, cozinheira, 48 anos).

Aproveitando o comentário da entrevistada sobre o consumo de bebida alcoólica, observou-se na pesquisa que a independência financeira feminina promovida pelas oportunidades de emprego nas pousadas pantaneiras também tem trazido algumas transformações sociais. Há entre algumas mulheres o hábito que antes era restrito ao universo masculino: consumir bebidas alcoólicas mesmo isto sendo proibido na maioria das fazendas. Um dos proprietários entrevistados relatou o caso de funcionária demitida por aparecer alcoolizada para trabalhar depois de ter brigado com a vizinha e colega de trabalho. O que no passado era fato comum no universo masculino das fazendas pantaneiras, hoje é parte do feminino também.

O trabalho com turismo não tem apenas propiciado aumento na renda de algumas famílias, mas também tem oferecido a oportunidade de conquistar com mais rapidez os seus sonhos. O sonho comum à maioria das entrevistadas é a aquisição de uma casa própria. Muitas pagam aluguel na cidade ou residem na casa de parentes e entendem que o esforço de trabalhar nas pousadas pantaneiras longe da família é uma oportunidade de economizar para conseguir comprar uma casa.

Algumas mulheres estão oferecendo aos filhos e/ou netos, oportunidades e acesso a atividades extra escolares. Registrou-se ao longo das entrevistas que algumas mulheres realizam mensalmente o pagamento para cursos como informática, aula de inglês, escola de dança e artes marciais para os dependentes que estão na cidade. Mesmo não estando presentes na educação, viabilizam o acesso a estes cursos complementares que antes não faziam parte do universo destas famílias demonstrando um avanço importante na educação desta sociedade.

O contato com outras culturas – e até mesmo com pessoas famosas – também é visto pelas mulheres como decorrência positiva do trabalho com o turismo:

Também é bom porque você conhece muita pessoa de longe que traz coisa pra gente e também leva da gente. Isso é muito importante, você convivê... Eu atendi o presidente uma vez. Quando veio aquele cara que faz filme nos EUA, ele veio com a gente. E muda a rotina da gente, eu não gosto de ficá parada,

quando tem turista a gente nem vê o dia passá (Mulher Pantaneira 12, lavadeira, 49 anos).

As melhorias alcançadas a partir da autonomia da mulher na administração da renda familiar têm contribuído, segundo elas, com a elevação de sua auto-estima e permitido que haja um aumento na qualidade de vida de seus familiares. Uma entrevistada considera que estas conquistas têm grande representatividade na sociedade pantaneira, pois “nunca alguém imaginô que filho de cozinheira pantaneira pudesse falá inglês e mexê com computador” (Mulher Pantaneira 10, cozinheira, 30 anos).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo no Pantanal do Rio Negro tem contribuído significativamente para o incremento do trabalho feminino no Pantanal. Algumas das mulheres empregadas no turismo vivem há muito tempo nas fazendas onde a atividade se implanta, possuindo uma relação afetiva mais profunda com as propriedades e as pessoas da região. Outras chegam das cidades próximas, atraídas pela oferta de emprego e pela possibilidade de economizar para investir em projetos pessoais e familiares.

Para as mulheres, o turismo não alterou muito a rotina do trabalho que se desenrola em torno de atividades domésticas como lavar, cozinhar e limpar. O que mudou foi o ritmo dado à execução das tarefas, mais intenso quando há presença de turistas na fazenda. De outro lado, a sua condição de trabalhadora se altera em relação à fazenda, pois muitas delas saem da situação de donas de casa, dedicadas aos afazeres da família, para se transformarem em empregadas das pousadas de turismo.

As mulheres exercem um importante papel na percepção dos hóspedes em relação ao modo de vida no Pantanal, pois são elas que desempenham as atividades de manutenção das áreas comuns e privativas e preparam as refeições, fatores essenciais para a hospitalidade nesse tipo de serviço. Devido à presença delas nas fazendas, os viajantes têm uma vivência mais completa do ambiente pantaneiro, pois podem desfrutar do ambiente aconchegante que as mulheres promovem nas pousadas, “experimentando” o Pantanal através da gastronomia e da afetividade e não somente através da visualização da natureza.

A oportunidade de trabalho e a condição de assalariamento que o turismo propicia, ainda que seja importante por contribuir para a melhoria das condições de vida

de suas famílias, não ocorre sem percalços. Muitas mulheres se vêem na situação de afastamento dos entes queridos, sobretudo dos filhos e netos, que deixam sob os cuidados de parentes, causando sofrimento e permanente preocupação em relação à saúde e segurança da prole. A saudade costuma se associar ao cansaço, decorrente do trabalho intenso.

Sendo muitas dessas mulheres mães que cuidam sozinhas de seus filhos, sem o apoio de um companheiro ou o auxílio financeiro do pai, o trabalho nas fazendas lhes permite fortalecer-se como provedora familiar. É por intermédio de seus salários com o turismo que as mulheres têm conseguido investir na educação dos filhos e prover maior conforto e segurança em seu dia-a-dia.

De qualquer modo, a mulher, como categoria que historicamente ocupa posição inferior na escala de valores sociais, vivencia um momento diferenciado no contexto do turismo no Pantanal. De um lado, encontra uma nova situação de emprego nas pousadas turísticas, pois, ainda que subalterno e parcamente remunerado, o trabalho assalariado lhe tem permitido implementar projetos pessoais e/ou de cunho familiar que antes não estava a seu alcance. De outro lado, a elevação de sua auto-estima e de seu *status* no contexto rural pantaneiro têm permitido à mulher trabalhadora conquistar um espaço importante e decisivo rumo a uma nova condição política e de cidadania.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, E. F. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. In: FUR/TADO, L.G.; LEITÃO, W. e MELLO, A.F. **Povos das águas. Realidade e perspectivas na Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993. p. 63-82.
- ALMEIDA, N. P. **Segmentação do Turismo no Pantanal Brasileiro**. 1a. ed. Campo Grande/MS: UFMS, 2007.
- BANDUCCI JR. A. **A natureza do pantaneiro: relações sociais, representações de mundo e o sobrenatural entre vaqueiros das fazendas de gado no "Pantanal da Nhecolândia"**. Tese de mestrado (USP) defendida em março de 1996. Versão do autor (2003).
- BARROS, D.M.R. & HARTENTHAL, V.S. von. **Relações interpessoais como diferencial na gestão da qualidade hoteleira**. Monografia de graduação (UFPR) apresentada em março de 2003.

- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CANCLINI, N.G. **Culturas híbridas**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- CONSERVATION INTERNATIONAL. **Pantanal. South America's Wetland Jewel**. Photographs: Theo Allofs. 2005
- EMBRATUR / IBAMA. **Diretrizes para uma política nacional do ecoturismo**. Brasília, 2004.
- EM 15 ANOS, número de famílias chefiadas por mulheres mais que dobra. **Revista Época on-line**. São Paulo, 06 de março de 2018. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2018/03/em-15-anos-numero-de-familias-chefiadas-por-mulheres-mais-que-dobra.html>>. Acesso em 20/12/2018
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, B. C. **“Retrato” de mulheres pantaneiras na década de 20 a 40: molduras em educação e gênero**. Dissertação de Mestrado em Psicologia (UCDB) defendida em 2001. Versão da autora.
- LUNARDI, R.; SOUZA, M. de. PERURENA, F. O trabalho de homens e mulheres no turismo rural em São José dos Ausentes: o “leve” e o “pesado”. In: **Revista Turismo - Visão e Ação - Eletrônica**, v. 17, - nº 1, jan/abr. 2015.
- KÖHLER, A. F. Autenticidade: Origens e bases da discussão em turismo. In: **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**, v. 11, nº 3, p. 282 – 303, set/dez. 2009.
- MESQUITA, E. **Turismo e relações de gênero em Cunha – SP**, 1º SIMPGEO/SP, Rio Claro, 2008. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/simpgeo/148-160erika.pdf>>. Acesso em 03/05/18.
- MORETTI, E.C. **Pantanal, paraíso visível e real oculto. O espaço local e o global**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista: Rio Claro, 2000.
- RIBEIRO, M. A.; VARGAS, I. A.; ARAÚJO, A. P. C.. Estrada-parque pantanal, MS, Brasil: paisagens ressignificadas, modos de vida alterados. In: **Revista Geográfica de América Central** Número Especial, p. 1-11, 2011.
- SALAZAR, V.S.; FARIAS, S.A.; LUCIAN, A. O papel das pessoas no ambiente de restaurantes gastronômicos e a satisfação do cliente. In: **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**, v. 11, nº 3, p. 327 – 340, set/dez. 2009.
- SCARANO, F.R. **Biomass Brasileiros: retratos de um país plural**. 1. Ed. São Paulo: Casa da Palavra, 2012.

WOORTMANN, E. **Da complementariedade à dependência: a mulher, o tempo e o ambiente em comunidades pesqueiras do Rio Grande do Norte.** Brasília: UNB/Série Antropologia, 1991.

*Recebido para publicação em outubro de 2018*

*Aceito para publicação em novembro de 2018*